



## SOBRE “O NARRADOR”:

### UMA LEITURA DO ESCRITO DE WALTER BENJAMIN

*About “The narrator”:* a reading of Walter Benjamin’s writing

Allyson Jullyan dos S. Nascimento<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho propõe uma leitura acerca do texto “O Narrador<sup>2</sup>” escrito em 1936, por Walter Benjamin, texto encomendado onde o mesmo trata sobre a Arte de Narrar e como seu viés conceitual inova/esclarece a visão moderna sobre essa forma de conhecimento. Vamos mostrar as principais ideias contidas na obra do autor, através de sua leitura, e buscar ao final uma formulação de um pensamento hermenêutico crítico constante na obra. Não se trata de dar novos fundamentos, conceitos ou elucidacões contidas na obra, mas puramente analisar o que propunha o autor.

**Palavras-chave:** O Narrador. Fim da arte de narrar. Benjamin.

#### ABSTRACT

The present work proposes a reading about the text “The Narrator ” written in 1936, by Walter Benjamin, a commissioned text where he deals with the Art of Narrating and how its conceptual bias innovates/clarifies the modern view on this form of knowledge . We will show the main ideas contained in the author's work, through his reading, and seek at the end a formulation of a critical hermeneutic thought constant in the work. It is not a matter of giving new foundations, concepts or clarifications contained in the work, but purely analyzing what the author proposed.

**Keywords:** The Narrator. End of the art of storytelling. Benjamin.

#### INTRODUÇÃO

“Não há ninguém tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si”.

Pascal

Nessa obra escrita em 1936 o autor coloca a necessidade de um esclarecimento, ou, de uma consideração clara sobre o papel da narrativa frente às novas adequações que os novos tempos estavam apresentando. Vale lembrar que o momento histórico vivido

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela UFPI. E-mail: allysonjullyan@gmail.com

<sup>2</sup> O texto aqui estudado é o constante nas Obras Escolhidas: Magia e Técnica, arte e política, Editora Brasiliense, 1985.



pelo autor é o contexto do entre guerras, do qual existe um ambiente de total desprezo, melancolia, e declínio das sociedades modernas.

Esse será o panorama vivido por Benjamin e suas devidas reflexões partem desse período histórico em que ele está inserido. Situando também o autor como um neo-marxista, pois faz uma releitura do marxismo, que como tal parte da reflexão aberta sobre o materialismo histórico para explicar, em parte, seus objetos de estudo ou pensamento refletindo um pouco a crise da sociedade capitalista e o advento da técnica como motor que impulsiona essa escalada moderna.

Neste campo de ampla riqueza que é o texto, vamos identificar através da leitura seus principais pontos de debate e traçar aqui suas colocações. Suas implicações mais sadias frente a uma fertilidade de ideias, inovações conceituais e análises didáticas com o qual o autor nos expõe. Neste aspecto desenvolveremos suas ideias.

## DESENVOLVIMENTO

Nosso objeto de estudo é dividido em 16 partes e traz à tona uma figura que ganha o gosto do autor e memora entre os grandes escritores Russos do século XIX: Nikolai Leskov<sup>3</sup>. O texto se chama: “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. O próprio tema retrata o caminho que o autor irá percorrer em sua análise, frutificando a arte de narrar, as narrativas, as histórias, a comunicação e fixando terreno sobre uma análise sintética sobre a obra do autor presente. Ter a exemplificação por Benjamin de tal escrito quer dizer que: o autor acima proposto e sua obra são fundamentais para entender o que se passa sobre o assunto abordado.

Na primeira parte, início do texto, Benjamin levanta o que será sua análise crucial em relação ao problema da narrativa: o distanciamento entre aquilo que se escreve e aquilo que se conta como algo que de fato aconteceu. Existe um distanciamento que cresce a cada dia entre a capacidade que as pessoas têm de contar histórias e a real identidade de histórias contadas pelas pessoas. Sintomaticamente Benjamin vê que quanto mais se quer narrar uma história ou um fato, mais nos distanciamos dessa prerrogativa.

O primeiro sintoma exposto é o de fim da experiência, ora, se estamos distantes de verdadeiramente narrar algo é porque nos falta uma capacidade que vem se perdendo ao

---

<sup>3</sup> Nikolai Semiónovich Leskov, escritor russo, contista, novelista e romancista astuto, citado por Benjamin como um dos expoentes da arte de narrar bem.



longo dos tempos. Os próprios tempos modernos vividos pelo autor segregam bem isso. Estamos mais pobres em experiências e consequentemente perdendo a capacidade de inter-relacioná-las.

Narrar devidamente é algo que ficará mais raro e mais distante da realidade moderna. Como exemplo claro desse distanciamento e da falta de experiência e comunicação Benjamin cita o exemplo da guerra: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1985, p. 198).

Este campo de observação prática relata pobreza imensurável que permeia o atual cenário Europeu do entre guerras e clareava de forma profícua as teses e estudos do autor. A pobreza de experiência comunicável não ira ajudar a melhorar o estabelecimento de um momento que culminaria com mais um sintoma moderno advindo em parte pelo surgimento da técnica. Estamos de frente com um autor que faz um estudo do ser vinculado com as mudanças profundas que ocorrem em sua época, frente às novas formas de organização social vigentes.

Nessa perspectiva de entrelaçamento de ideias a fonte do bom narrador é a experiência que se passa de pessoa a pessoa, esse é um elemento aos quais todos os narradores devem buscar ao seu sucesso. Benjamin exemplifica duas categorias de bons narradores: “camponês sedentário e o marinheiro comerciante” (BENJAMIN, 1985, p. 199). A interpretação e o papel desses dois tipos arcaicos de significação contribuíram para disseminar em seus respectivos tempos históricos suas tradições e culturas além de aperfeiçoar bem a arte de narrar. Nesse campo também as mais belas narrativas são as que mais se aproximam das histórias orais contadas.

Existe uma construção clara por parte dos autores, em suas narrativas, pelas vivências e formas em que os próprios estão inseridos. Essa vivência constrói o itinerário prático da obra do autor. Benjamin nesse ponto cita o exemplo de como a vida modificou e influenciou a obra de Nikolai Leskov interferindo diretamente em sua arte de narrar. Existe uma dimensão prática que permeia a vida, um *Senso Prático* que é uma característica de narradores natos. Essa visão prática pode ser entendida como uma forma de utilitarismo no sentido em que a narrativa tem sempre em si uma função. Nesse ponto, a narrativa passa a ser um dado valor ético-sociológico que cria condições para a



formulação de visões de mundo a acerca do objeto relatado na narração. De acordo com Benjamin:

Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, e num Hebel, que transmite em seus leitores pequenas informações científicas (BENJAMIN, 1985, p. 200).

Essas características do narrador são fundamentais para sua sobrevivência enquanto ser pensante e ativo colaborador das ações humanas. A junção desse senso prático com o viés utilitário lhe dá uma perspectiva de pensamento capaz de ser por um lado experiência vivida e por outra aplicação dessa noção trazendo um sujeito capaz de dar conselhos. Dar conselhos é um papel do homem adquirido através da experiência e da capacidade de narrar. Se não existe mais essa relação, ou isso esta em vias de extinção é porque a sintomática análise feita pelo autor esta em voga: “as experiências estão deixando de ser comunicáveis, em conseqüências não podemos nem dar conselhos a nós mesmos nem aos outros” (BENJAMIN, 1985, p. 200). Existe uma fuga da sabedoria que é “o conselho tecido na substância viva da existência – o lado épico da verdade” (BENJAMIN, 1985, p. 201).

Neste ponto Benjamin que esta se vacinando contra o conceito de progresso na história relata que:

[...] nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma beleza nova ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1985, p. 201).

O fim da arte de narrar não é exclusivamente um problema moderno, está há algum período aflorando durante os tempos e ganha maior notoriedade em sua época. A grande questão é que com o fim desta arte o pouco de experiência e sabedoria que podem contribuir ao objetivo de um “progresso do humano” decai subjugando a sabedoria como frente de ação.

Como primeiro fato claro, fim, que vai indicar a morte da narrativa enfatizada pelo autor é o surgimento do romance no início do período moderno. Uma das características que distingue o romance da narrativa é justamente sua vinculação ao livro. Não

precisamos mais memorar histórias, ela esta escrita lá, escrita no romance. O romance se caracteriza pelo fim da oralidade, a tradição oral envolta na narrativa passa a ser apenas uma ilusão. Ganha-se com o romance o individuo isolado, segregado, a-histórico e psicologizante. Essa quebra da tradição em favor de uma pressa em contar histórias, se reestrutura e faz com que o romance seja o principal gênero literário surgido na modernidade (lido). As pessoas se identificam com o romance e desfavorecem em grande parte as narrativas como experiência. Benjamin cita:

O primeiro grande livro do gênero, Dom Quixote, mostra como a grandeza da alma, a coragem e a generosidade de um dos mais nobres heróis da literatura são totalmente refratárias ao conselho e não contem a menor centelha de sabedoria (BENJAMIN, 1985, p. 201).

Em a “História e o Impossível; 1.5 A morte da narrativa: romances e jornais, Walter Benjamin e Derrida”, Marcelo Melo Rangel<sup>4</sup> conceitua o que foi o surgimento do romance para o fim da narrativa dentro dessa abordagem tematizada por Benjamin. Segundo ele:

Em seu “O Narrador...”, Benjamin ainda se dedica à descrição de outro comportamento igualmente inadequado à experiência de tempos críticos como a modernidade, o qual se generalizou entre os séculos XIX e XX e que também teria sido responsável pelo que o filósofo alemão chama de “morte da narrativa”, e, no limite, pela intensificação da crise ou da instabilidade própria ao horizonte moderno ... (Rangel, Marcelo de Melo. A História e o Impossível; Walter Benjamin e Derrida, Pag.57)

E mesmo os que quiseram fazer do romance uma espécie de laboratório da sabedoria e experiência como é o caso do romance de informação, que tenta criar conteúdos básicos de aprendizados, recaíram no mesmo problema de insuficiência peculiar do gênero.

As formas épicas tendo à frente Heródoto como esse grande narrador, nos mostram a diferença clara entre a narrativa como experiência e utilidade e o contraponto de explicações feito pelas novas narrativas “sem experiência”. Cita como exemplo a história do rei egípcio Psammenit que foi derrotado pelo rei persa Cambises. Nela temos a

<sup>4</sup> Marcelo Melo Rangel professor do departamento de história e dos programas de pós graduação em História e Filosofia da UFOP. Tem estudos voltados a temática da memória, conhecimento e melancolia em Walter Benjamin.



versão de Montaigne questionando o ato de prisão do rei adjetivando tais colocações e a versão clássica de Heródoto que deixa através de seu relato seco fluir a capacidade infinita da narrativa exposta. Ambas as histórias são frutos de narrativas, porém apenas aquela que acopla mensagem, conselho e sabedoria se sobrepõe a viver no espaço memoriável das narrativas por assim dizer.

Outro claro exemplo de tentativa de debate e manutenção de narrativa é a do pintor Paul Valéry<sup>5</sup> que fazia pintura na busca de um tempo em que o próprio tempo não passava (ideia de eternidade), na compreensão dele os artífices passados tinham essa ideia em contraponto a pressa na arte de pintar do qual hoje conhecemos.

A emancipação da pequena história, “short story”, em face da tradição oral embalada pelas técnicas modernas suprimiram essa paciência narrativa clara dando vazão a outro campo narrativo. Na velocidade dessa transformação surge a informação, que é tão estranha à narrativa quanto o romance, chegando a ser mais destrutiva em sua forma e sua estruturação. Fruto do surgimento da imprensa no alto capitalismo a informação destrói diretamente as formas épicas com seu caráter prático e consumista fazendo do imediatismo e da autofagia sua ponta de lança diária. Afirma Benjamin (1985, p 203): “Cada manhã recebemos notícias do mundo todo. E, no entanto, somos mais pobres em histórias surpreendentes”. Na informação quase nada serve a narrativa, a explicação, a exegese, mas tudo tem fim prático em si mesmo. Só informar e basta. O valor informativo, só serve, apenas no momento em que é novo.

Mais uma vez tematizo aqui uma abordagem sobre o pensamento do autor presente em “A história e o impossível: Walter Benjamin e Derrida”, a modernidade e o narrador são dissociados por uma nostalgia diferente que impõe um ao outro sua superação melancólica. A melancolia em Benjamin será motivo de outro artigo, aqui ira figurar como conceito introdutório capaz de captar como os conceitos surgiram. Segue o autor:

O que está em questão aqui é a recolocação insistente do problema da modernidade, de sua crise, ou ainda, da instabilidade radical que despontara entre o final do século XIX e início do XX, e isto a partir da tematização da figura do narrador. De acordo com Benjamin, na medida em que o narrador ou mesmo o ato de narrar ia sendo descrito no interior daquele horizonte crítico, que seus “traços” ou aspectos iam sendo evidenciados com precisão, percebia-se, imediatamente, que ele (já)

<sup>5</sup> Ambroise-Paul-Toussaint-Jules Valéry pintor, poeta, filósofo e intelectual Frances que através da artes propôs uma leitura simbolista da realidade sobre as artes.



pertencia a um outro âmbito..... (Rangel, Marcelo de Melo. A História e o Impossível; Walter Benjamin e Derrida, Pag.53)

Ainda levado à necessidade de exemplificação contumaz de seu processo esclarecedor sobre a narração, Benjamin cita a crônica que segundo ele é uma forma de historiografia que ainda permite uma junção das boas formas de narração. O cronista é o narrador capaz de absorver o fluxo de seu tempo, ele permaneceu conservado e secularizou-se na tradição de sua forma literária surgindo: a memória. Neste ponto a memória surge como aquela que funda uma tradição em sequência para garantir a transmissão de conhecimento entre as gerações. *Narração – experiência – memória*; tripé básico do entendimento Benjaminiano, para compreensão do texto.

Benjamin sustenta que como os narradores tem uma grande facilidade de moverem-se entre as diversas camadas e atividades das escalas das experiências, por esse motivo também o farão de forma marcante suas histórias que ficaram marcadas, sobretudo nas origens populares. “Os comerciantes deixaram marcas profundas no ciclo narrativo de: As mil e uma noites” (BENJAMIN, 1985, p. 214). Leskov, segundo o autor, consegue fazer essa passagem e ter em sua obra uma genuinidade capaz de alcançar os anseios narrativos de seu povo e colher os frutos de uma boa narrativa. Cita uma ligação de Leskov e de Valéry com o misticismo, para alavancar uma ideia de originalidade que, a meu ver, é muito mais clara e definida no conceito de Aura presente na obra *A obra de arte na época das técnicas de reprodução*<sup>6</sup>.

Desta forma finaliza o texto ressaltando que o narrador figura entre os grandes mestres e os sábios, tendo dignidade clara e epistemológica do seu papel dentro de sua vida, sendo essa mesma vida o local de encontro do justo consigo mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos analisar nessa obra que o papel da narração é analisado de forma bastante clara e inteligente pelo autor que explora cada viés do tema em questão para analisar friamente o que esta acontecendo com a arte de narrar. Como as narrativas são em sua grande maioria e o que mais se impulsiona entre os tempos e fatos da vida. Sendo que

---

<sup>6</sup> Ensaio de Benjamin encomendado pelo Instituto para a pesquisa social (Escola de Frankfurt) que trata sobre arte, técnica e suas inovações conceituais advindas sobretudo com a fotografia e o cinema.



a boa ideia do autor surge na escolha desse debate.

O tripé de ajuste da perspectiva Benjaminiana: narração – experiência – memória ganha a partir desse texto uma maior interlocução entre as demais obras do autor que dialogam com essa temática. *Experiência e Pobreza*<sup>7</sup> (1933) já trazia alguns elementos de entendimento da perda de experiência como o sintoma da pobreza intelectual vivida na modernidade. Essa destruição sepulcral da arte de narrar é ampliada pelo advento da técnica e pelo capitalismo que nos separou, a condição humana, da natureza de suas próprias relações. A mudança da vida e do sentido dela na modernidade também acelerou esse processo de desgaste.

Éramos acostumados a associar vida e trabalho – nossa condição de individualidade das relações – fez oposição clara a nossa experiência comunicativa – seja entre nós mesmos seja com os outros. Isso apressou a fragilidade das nossas relações coletivas acabando com nossas experiências comunicáveis. Traço marcante para o fim da narrativa.

A fragmentação de nossa sociedade narrativa em nossa dimensão da vida prática acabou por degradar toda a nossa experiência da própria narração. O sintoma moderno, aquilo que bastaria de comum em uma memória de valores cria um obstáculo feroz na ação comunicativa da narração. Fazendo com que na perda de memórias percamos também os valores da própria vida.

Os traços de uma visão histórica de continuidade e progresso já são rechaçados pelo autor nesse texto. Se no ato de progresso a história (numa visão simples) fosse de glórias e boas ações, talvez a arte de narrar não tivesse acabado ou sucumbido à modernidade, o autor deixa clara isso ao falar de uma série de fatores que contribuiriam para o seu fim mais que também deixaram essa arte de narrar única para as relações humanas.

O estilo abordado por Benjamin, sua capacidade de escrita e sua interlocução com os temas modernos formam sem dúvida alguma um dos maiores legados para a nossa história do pensamento.

---

<sup>7</sup> Texto de Benjamin que relata a perda da experiência nas ações comunicativas e também serve como base para a compreensão do conceito de experiência no autor.



### Referências

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RANGEL, Marcelo de Melo. *A História e o Impossível; Walter Benjamin e Derrida*. Coleção X – Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.